

BIBLIOTECA	
UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG: N°	14377
Data:	16 / 12 / 2010
() Compra (x) Doação () Permuta	

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CAMPUS DE PONTES E LACERDA

Alcione Maria da Silva

INFOGRÁFICO: UM JOGO DISCURSIVO

PONTES E LACERDA – MT
JUNHO/2010

82'42
5586i
22.01

ALCIONE MARIA DA SILVA

INFOGRÁFICO: UM JOGO DISCURSIVO

Monografia de Conclusão de Curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras. Orientadora: Profa. Ms Silvia Regina Nunes.

PONTES E LACERDA – MT

JUNHO/2010

Aprovada em 19 de julho de 2010

BANCA EXAMINADORA

Profª. Ms. Silvia Regina Nunes

Orientadora

Prof. Dr. Eliana de Almeida

Examinadora

Profª. Ms. Elizangela Patrícia

Examinadora

.....

.....

.....

.....

Dedico este trabalho aqueles que fazem parte da minha vida.
Primeiramente a Deus, pois sem a sua ajuda eu não conseguiria concluí-lo.
Ao meu esposo Dinho, por acrescentar razão e beleza aos meus dias.
Aos meus pais, Genésio e Luzenilda, que são a razão da minha vida.
E todos os meus familiares e amigos.

AGRADECIMENTOS

A DEUS

Agradeço primeiramente a DEUS, nosso criador, digno, soberano e Senhor do Universo, por me conceder o dom da vida e por me auxiliar a ultrapassar todos os obstáculos que surgiram durante o percurso da faculdade. Ele esteve presente em todas as dificuldades, fazendo delas não mero ensinamento, mas vitórias. Também por conceder-me fé e otimismo nos momentos mais difíceis da ardua jornada percorrida até aqui, e principalmente pelo fôlego de vida e por mais uma vitória alcançada. Por tudo isso só resta-me dizer OBRIGADA SENHOR!

AOS MESTRES

Exemplos e espelhos. Através deles que eu conheci o maravilhoso mundo intelectual. A vocês expresseo o meu agradecimento e o meu profundo respeito, que sempre serão pouco diante do muito que me foi oferecido.

EM ESPECIAL

A minha orientadora, Prof^{ra}. Ms Silvia Regina Nunes

Por compartilhar comigo uma parte do seu tema de pesquisa, sendo uma interlocutora disposta a oferecer estímulos e, principalmente, a percorrer novos caminhos, ouvir com interesse e ânimo todas as questões, dúvidas e problemas que surgiam durante o processo de reflexão. Por ser uma interlocutora paciente e generosa e pela coragem de ousar trabalhar com novas idéias e conceitos, correndo os riscos inerentes a esta atitude. Por sua amizade, principalmente. Pela compreensão silenciosa dos momentos difíceis pelos quais passei, permitindo que meu tempo interno fluísse, respeitosamente. Pela alegria de trabalharmos juntos. Por tudo isso basta dizer-me muito obrigada!

AO MEU AMOR DINHO

Por ter agüentado todas as traições – fins de semanas e noites amorosas e até divertidas com Michel Foucault, Michel Pecheux, Eni Orlandi, com Machado de Assis, Mario de Andrade, Manoel de Barros e demais teóricos e literatos. Porém sei que sem sua compreensão Dinho, esta vitória não teria o mesmo sabor. Eu te Amo!

A ÁRVORE DOS AMIGOS

Existem pessoas em nossas vidas que nos deixam felizes pelo simples fato de terem cruzados nossos caminhos. Algumas percorrem ao nosso lado, vendo muitas luas passarem, mas outras apenas vemos entre um passo e outro.

A toda elas chamamos de amigos.

Há

muitos tipos de amigos, talvez cada folha de uma árvore caracterize um deles.

O primeiro que nasce de um broto é o amigo pai e a amiga mãe. Mostram o que é ter vida. Estes são vocês meus queridos pais: LUZENILDA e GENÉSIO os quais me ensinaram a não desistir diante dos obstáculos, mas lutar pelos meus ideais sempre com perseverança e muito amor no coração. Eu os Amo!

Depois, vem o amigo irmão, com quem dividimos os nossos espaços, para que ele floresça como nós. Às minhas irmãs GIANE e ANGRA e meu irmão RILLER, que me fizeram companhia nos momentos de solidão e muito contribuíram nos momentos difíceis dessa trajetória.

Passamos a conhecer toda a família de folhas, a qual respeitamos e desejamos o bem. Mas o destino nos apresenta outros amigos, aos quais não sabíamos que ia cruzar o nosso caminho. Muitos desses denominados amigos do peito, do coração, são sinceros verdadeiros, sabem quando não estamos bem, sabe nos fazer feliz...

Às vezes um desses amigos do peito estala o nosso coração e é chamado de amigo namorado e depois... Esposo. Este dá brilho aos nossos olhos, músicas aos nossos lábios, pulos aos nossos pés. Este amigo é você DINHO: Meu amor, minha vida, meu tudo. Você soube compreender a minha ausência e com amor e carinho incentivou-me quando pensava em desistir, estimulando-me a conquistar mais este objetivo. Te

Amo muito meu amor!

Mas também há aquele amigo por um tempo, talvez por umas férias ou mesmo um dia ou por horas ou anos de caminhada. Esses costumam colocar muitos sorrisos na face, durante o tempo em que estão por perto. São vocês meus amigos de trajetória, em especial às amigas DÉBORA e GISLENE que fizeram companhia durante todos os anos de estudos, pelas viagens em busca de conhecimento, pelos assuntos intermináveis na viagem de ônibus, pelos silêncios compreendidos e por ensinar que não devemos

esquentar a cabeça antes da hora. Amo muito vocês!

Falando em perto, não podemos esquecer-nos dos amigos distantes, aqueles que ficam nas pontas dos galhos, mas quando o vento sopra sempre aparecem novamente entre uma folha e outra. Algumas nascem num outro verão e outras permanecem por muitas estações, mas o que nos deixam mais felizes é que as que caíram continuam por perto, alimentando a nossa raiz com alegria.

Não

poderia esquecer-me de você minha amiga TATI, por ser especial, por ter deixado marcas de felicidades. Por não estar perto, mas por ter feito dos momentos, lembranças. Amo você amiga!

Lembranças de momentos maravilhosos, enquanto cruzamos o nosso caminho...

Simplesmente porque cada pessoa que passa em nossa vida é única, sempre deixa um pouco de si e leva um pouco de nós. A vocês minhas amigas LELE e POLY. Amigas que estiveram sempre dispostas a auxiliarem-me nos momentos mais difíceis, com incentivo e palavras amiga mostrando a essência da verdadeira AMIZADE. Sentirei saudades suas!

Também a

vocês amigas hospitaleiras: REGIANE e MARCIA que sempre me acolheu com sorriso em suas casas no momento em que mais precisava. Obrigada! E a você meu querido amigo ALTAIR que muitas vezes em brincadeiras tirava-me do "sério", mas quando realmente a coisa era séria estava comigo auxiliando-me nos momentos difíceis da minha vida, direcionando-me com êxito nas trilhas da sabedoria. Meu muito obrigada!

Enfim, a toda árvore de

amigos, a todas as pessoas que estiveram ao meu lado durante essa caminhada: os amigos do Ônibus e os colegas de trabalho.

A todos aqueles que

direta ou indiretamente estiveram comigo durante essa caminhada e contribuíram para esse trabalho.

Meu muito obrigada!

Alcione

*A linguagem só é linguagem porque faz
sentido e a linguagem só faz sentido
porque se inscreve na história.
(Eni Orlandi)*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
CAPITULO I - Percurso teórico: sobre o funcionamento do discurso e dos sentidos.....	11
CAPITULO II - Empreendendo a análise.....	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

APRESENTAÇÃO

A proposta para esta monografia é compreender, na perspectiva da Análise de Discurso (AD), os efeitos de sentidos que vem se configurando no discurso jornalístico sobre o infográfico. Na AD não há um método de análise *a priori*, a seleção do material já faz parte do procedimento analítico. Neste caso, apresentaremos o *corpus* que foi construído a partir de enunciados sobre os infográficos veiculados na *internet*.

Traremos a esse trabalho, o estudo de alguns analistas e teóricos que discutem a materialidade dos textos, ou seja, *a instauração dos sentidos nos textos*. Dentro desta perspectiva, sustento este trabalho, fundamentalmente, nos estudos realizados por Orlandi (2001; 2005; 1993) e também por Nunes (2009; 2010).

Segundo Orlandi (2001, p.9), *o corpo do sujeito e o corpo da linguagem não são transparentes*. O sujeito está ligado ao social – a história, ou seja, está ligado a exterioridade, sendo assim os *sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos*. (p.30).

A pesquisa foi dividida em dois capítulos. No primeiro, **Percurso teórico**, apresentamos reflexões sobre as noções basilares da AD, como os efeitos de sentidos e o interdiscurso. No segundo, **Empreendendo a análise**, analisemos os efeitos de sentidos instaurados pelo discurso jornalístico em relação ao infográfico.

Esperamos contribuir com o leitor interessado no assunto e deixamos claro que os assuntos aqui mencionados não foram esgotados e que o texto é passível de críticas e / ou sugestões.

CAPÍTULO I - Percorso teórico: sobre o funcionamento do discurso e dos sentidos.

O discurso é efeito de sentidos entre locutores (PÊCHEUX, 1997), e não apenas produtor de sentidos. A memória discursiva se dá como um universo do dizível, afetando diferentemente os processos de constituição dos sentidos e dos sujeitos. Às vezes podemos dizer uma coisa em um lugar, para uma pessoa, e não podemos dizer a mesma coisa em outro lugar, para outra. Isto porque sob uma determinada configuração ideológica, que diz respeito ao lugar que ocupamos e ao papel que representamos, nos é permitido dizer isto, mas não aquilo. Um discurso nunca se dá fora do contexto social, está sempre em relação com a exterioridade.

Quando o sujeito assume um lugar da fala, imaginariamente deve saber que os sentidos não são novos, pois existe um já-dito, este já-dito se relaciona com o interdiscurso, ou seja, para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentidos. O interdiscurso restringe-se à relação de um discurso com outros discursos. Discurso é sempre um *efeito de sentido*. Vem de um lugar e vai a outros. Um discurso é sempre decorrência, antes de ser causa. Dizemos pois, segundo Orlandi que:

(...) o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentidos. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o "anonimato", possa fazer sentido em "minhas palavras" (2005, pp. 33-34).

O sujeito se posiciona ocupando uma posição de onde fala. Tornamo-nos sujeitos no processo em que somos praticamente obrigados a nos posicionar desta ou daquela maneira, falamos aqui de um jeito e ali de outro, escolhendo estas e não aquelas palavras. Por isso às vezes “podemos” dizer uma coisa de uma posição, para uma pessoa, e “não podemos” dizer a mesma coisa de outra posição, para a mesma pessoa. As condições de produção re-significam a posição sujeito em suas formulações e

sentidos no interdiscurso. O sujeito vai então se posicionar ocupando um lugar determinado, o lugar “de onde fala”. *Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz.* (Orlandi 2001, p.39).

Quando se diz em *interdiscurso*, logo nos remete a um discurso relacionado a outros, ou seja, um discurso nunca se dá fora do social, está sempre em relação com a exterioridade. Um discurso está sempre se relacionando com outros. Os sentidos não estão postos nas palavras ou no texto, mas no movimento do *interdiscurso*, ou seja, precisaríamos da relação com a exterioridade, pois o social e a história nos constituem. Dessa forma os sentidos variam de um para outro mostrando assim que a língua não é transparente e está sujeita a falhas, pois o sentido pode ser sempre outro.

Segundo Orlandi (2001, p.40), todos esses mecanismos de funcionamento do discurso repousam no que chamamos de *formações imaginárias* ou mecanismo imaginário o qual *produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica.*

Para Orlandi (2005, p.31):

(...) a memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nesta perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pre-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.

Não somos donos de nossas falas, não somos a fonte única ou original de nossos discursos. Quando ocupamos determinada posição-sujeito o que foi dito antes significa no que estamos dizendo agora. Assim a *memória discursiva* torna possível todo o nosso dizer sustentando toda tomada da palavra.

O funcionamento da sociedade está estruturado no discurso, seja por funcionamentos sociais políticos, religiosos, artísticos, filosóficos, jornalísticos, etc. E é por meio do discurso que a sociedade se significa.

Sendo assim, propomos uma questão que norteará nossa análise: *como o discurso jornalístico significa o infográfico? Que efeitos de sentidos são materializados no discurso jornalístico? Como são significadas as concepções de língua e informação neste processo?*

Em tudo o que lemos, vemos e ouvimos, temos a impressão de uma transparência dos sentidos e de que entendemos tudo de forma literal, de maneira que tudo parece estar claro, contudo, *podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocados em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas.* (Orlandi 2001, p.42). O jornalismo funciona sob esse pré-construído da literalidade de maneira que tudo parece estar claro, mas não está, pois a língua constitui-se numa opacidade e os sentidos são produzidos histórica e socialmente para se significar.

De acordo com nosso recorte, a informação, configurada na forma do infográfico (linguagem verbal e visual), imaginariamente, “não seria contaminada” pela opinião, pela valoração e pela ideologia – o discurso jornalístico define-se como imparcial e isento (NUNES, 2005). Faz parte do jogo discursivo do jornalismo *fazer crer* que ele se interpõe entre os fatos e o leitor de forma a retratar fielmente a realidade, porém segundo Orlandi (2001, p.26), (...) *Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender*, pois a língua não é transparente.

Segundo Scalzo (2003, p. 74) a infografia *é uma maneira de fornecer informação ao leitor utilizando um conjunto de gráficos, tabelas, desenhos, fotos, legendas, ilustrações, mapas, maquetes. (...) é, acima de tudo, informação visual.* A autora complementa que os infográficos são uma nova tecnologia da informação que se tornaram possíveis devido à computação gráfica.

Na internet, em *sites*¹ sobre infográfico circula a definição de infográfico nesta mesma direção, ou seja, como sendo quadros informativos que misturam texto e ilustração para transmitir uma informação visualmente. Circula também que o

¹ <http://www.graffo.inf.br/infografico>; <http://www.andredeak.com.br/2008/04/16/entrevista-luiz-iria>; http://cursoabril.abril.com.br/servico/noticia/materia_257668.shtml

infográfico mostra a notícia como ela é, com detalhes mais relevantes e com forte apelo visual.

Em conformidade com Nunes (2009, p.1) em um de seus artigos:

Este material circula no espaço do discurso jornalístico, sob o modo de uma formulação escrita produzindo o efeito de língua unitária, bem como de sentido literal. Contudo, a materialidade significativa visual do infográfico instaura falhas no ritual ideológico da escrita jornalística, pois circula um imaginário de que com a imagem a informação se tornaria mais fiel, real. Neste imaginário percebemos uma falha da língua, que assim precisaria da imagem para administrar sentidos e manter o mundo semanticamente normal. Um efeito de completude, um efeito de real (efeito, porque o real é o impossível!)

Tais compreensões sustentam-se em Orlandi (2001, p.74) que diz, (...) *O que temos, em termos de real do discurso, é a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falta, o equívoco, a contradição, constitutivas tanto do sujeito como do sentido.* Sendo assim, o que nos leva a dizer que esta falha da língua é efeito, pois como já dissemos, o discurso é efeito de sentidos.

Segundo Nunes, o que ocorre em relação à língua no espaço do discurso jornalístico é que a escrita produz um efeito de língua unitária, bem como de sentido literal. Numa perspectiva discursiva, *o sujeito se constitui num movimento entre o real da língua que é o impossível, a incompletude, e o real da história que se constitui na contradição. Desta forma, nem o real da língua, nem o da história é diretamente apreensível, nem transparentemente inteligível, como deseja a posição sujeito jornalista.* (Nunes 2009, p.2).

CAPÍTULO II - Empreendendo a análise

As pessoas ao enunciarem, ocupam uma posição, resultado das muitas relações de força estabelecidas socialmente. De acordo com Orlandi, *o sujeito vai então se posicionar ocupando um lugar determinado, o lugar “de onde fala”*. Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. (2001, p.39).

No discurso jornalístico há várias formas de referir sobre o funcionamento do infográfico e essa forma de referência instaura um discurso determinado sobre esse funcionamento, veremos a seguir esse funcionamento se materializando no discurso.

Os enunciados apresentados abaixo foram todos selecionados de *sites* de jornalistas especialistas em infográficos. São informações sobre o que são infográficos em um jornal. Os quatro recortes configuram nosso *corpus* de análise e servem para compreender os efeitos de sentidos instaurados pelo discurso jornalístico em relação ao infográfico.

“Os infográficos são grande atrativo para a leitura das matérias. *Facilitam a compreensão do texto e oferecem uma noção mais rápida e clara dos sujeitos, do tempo e do espaço da notícia.*”
(Disponível em <http://www.graffo.inf.br/infografico/>)

“O infográfico, é um importante recurso visual que *resume um fato jornalístico em gráficos e facilita a compreensão de quem lê.*” (Disponível em <http://www.graffo.inf.br/info/>)

“A infografia tem um diferencial muito importante chamado tempo. Ela consegue *condensar informações* integrando texto e imagem fazendo com que a *leitura seja rápida e dinâmica.*”
(In: Andre Deak – Jornalismo de Multimídia - Entrevista: Luis Iria)

“Infografia é a união entre informação e desenho, com o *objetivo de informar e explicar melhor* um determinado assunto.” (In: Curso Abril de Jornalismo - A infografia: de Luiz Iria)

Para melhor organização da nossa análise, agruparemos os recortes de acordo com os efeitos de sentido que eles produzem. Sendo assim, nomearemos os recortes em: enunciado 1 (E1), enunciado2 (E2), enunciado3 (E3) e enunciado 4 (E4).

Os E1 e E2 produzem os mesmos efeitos de sentidos pelas sequências discursivas seguintes: *Facilitam a compreensão do texto* (do primeiro) e *facilita a compreensão de quem lê* (do segundo).

Vemos nos E1 e E2 os efeitos de sentido sustentados numa mesma direção: a FACILITAÇÃO DA COMPREENSÃO. Em “*facilitam a compreensão do texto*” e em “*facilita a compreensão de quem lê*”, constituem-se os mesmos efeitos de sentidos.

O sentido “*facilitar compreensão*” significa o infográfico como instrumento que nos ajuda a compreender o que está “dito no texto”, e reitera a necessidade de uma boa compreensão do texto jornalístico.

O sujeito está ligado ao social, á história e á exterioridade, sendo assim os *sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridades, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos.* (p.30).

Desta forma, não existe maneira de facilitar a compreensão em uma determinada leitura, pois *o sujeito não tem controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem* (p. 93), pois *as palavras, expressões, posições, etc. mudam de sentido segundo as posições mantidas pelos que as empregam, o que significa que elas tomam seu sentido em referência a essa posições.* (Orlandi: 1993, p.108).

Se pusermos em relação opositiva a noção de *facilitar compreensão* com a noção reiterada na Análise de Discurso de que *sujeito não tem controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem*, instauram-se alguns questionamentos: *Como essa*

facilitação ocorre? O que é facilitar no discurso (qual é o sentido do que é fácil) para o autor do infográfico? Quando se diz facilitar, o que pode estar silenciado?

Buscando compreender o primeiro questionamento: *como essa facilitação ocorre?* Observamos que em relação às sequências discursivas *facilita a compreensão do texto e facilita a compreensão de quem lê* não basta inserir, ou intercalar uma “imagem” no texto para que toda compreensão aconteça de forma simples e homogênea para todos os leitores. A linguagem só é linguagem porque faz sentido e a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história. Os sentidos não estão prontos e acabados, pois sempre estão numa relação com o mesmo e o diferente. *Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que produzidos em condições determinadas estão de alguma forma presentes no modo como diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender.* (Orlandi: 2001, p. 25).

Segundo Nunes (2009), o jornalismo funciona sob o pré-construído da literalidade (próprio do discurso jornalístico), ou seja, faz parte do discurso jornalístico ser literal. Circula como natural no jornalismo que tanto a língua quanto os sentidos são literais, fazendo com que para todos os leitores, independente da posição que ocupa ao enunciar, a compreensão seja a mesma. Tudo parece estar claro. Mas não está, pois a língua constitui-se na opacidade e os sentidos são produzidos historicamente e socialmente.

Os sentidos não estão postos nas palavras ou no texto, mas no movimento do *interdiscurso*, ou seja, precisaríamos da relação com a exterioridade, pois o social e a história nos constituem. Dessa forma os sentidos variam de um para outro mostrando assim que a língua não é transparente e está sujeita a falhas, pois o sentido pode ser sempre outro.

Pensar em facilitar algo para alguém significa pensar que esta pessoa está “aquém” do assunto e que esta pessoa está impossibilitada de compreender, e que para tanto precisa de recursos que a ajudem na compreensão.

Pois o que fica significado como fácil e difícil nessa relação conta muito: fácil para quem? Difícil para quem? Se são as formações ideológicas que fornecem os sentidos sobre o mundo ao sujeito, *facilitar* aqui é formulado a partir de um afetamento

da posição-sujeito jornalista que tem como óbvio uma divisão social da leitura (PÊCHEUX, 1994), ou seja, como se alguns tivessem direito de ler coisas mais difíceis que os outros. Ora, o que pode ser fácil para mim poderá ser difícil para outro, *pois toda leitura tem sua história, da mesma forma todo leitor tem sua história de leitura*. (Orlandi: 1993, p. 43)

Vemos que o discurso *facilitar a compreensão* é atravessado por efeitos de sentido negativos e opositivos e, nestas circunstâncias a pergunta é: *Quando se diz facilitar, o que se silencia?* É a partir do *silêncio que existe nas palavras, que as atravessa, que o não-dito dá um espaço de recuo significativo, produzindo as condições para significar. O silêncio como horizonte, como eminência do sentido, é a respiração da significação para que o sentido faça sentido*. (Orlandi: 1993, p.128)

Dessa forma, como já referimos em relação a *facilitar a compreensão*, outros sentidos são silenciados como, por exemplo, algo só é facilitado quando este mesmo poderá ser complicado, ou difícil de compreensão, ou seja, algo só poderá ser facilitado quando este tiver variados tipos de compreensões, sendo assim, o que está silenciado aqui é que a compreensão não será a mesma para todos os leitores, pois ao mesmo tempo em que algo poderá servir como facilitador para a compreensão de alguém em outro caso poderá ser difícil e complicado para outro.

Não há como facilitar nada em relação à compreensão no texto, até porque (...) *toda leitura tem sua história da mesma forma todo leitor tem sua história de leitura*. (93, p.43), dessa forma há várias compreensões, da mesma forma que o que pode ser fácil pra mim poderá ser difícil para outro.

Na análise dos E1 e E3 compreendemos que são produzidos os mesmos efeitos de sentidos pelas sequências discursivas seguintes: *oferecem uma noção mais rápida e clara* e que a *leitura seja rápida e dinâmica*. Nestes recortes instauram-se os sentidos de RAPIDEZ e a CLAREZA.

De acordo com o discurso jornalístico os infográficos são quadros informativos que misturam texto e ilustração para transmitir uma informação visualmente, com mais “rapidez” e “clareza”, ou seja, ao invés de narrar os fatos somente com o verbal (linguagem escrita) a qual se gastaria algum tempo para se fazer a leitura, haveria o visual (linguagem não verbal) para a “compreensão do todo” da notícia.

Porém, segundo Nunes (2009), algo falha neste ritual de escrita do discurso jornalístico, e a materialidade visual é que põe visível esta falha. Nesta direção, a língua se constitui na incompletude, é sujeita ao equívoco, à contradição. Assim, a materialidade significativa visual instaura falhas no ritual ideológico do discurso jornalístico, ou seja, evidencia a falha deste sistema lingüístico que funcionaria como transparente e literal e que conseguiria dizer tudo e para todos ao mesmo tempo, como verdade. *Por isso, dizemos que a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem, o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história.* (Orlandi: 2001, p.37).

Vimos que o imaginário de leitura desse recorte dá visibilidade a sentidos que se conformam à rapidez, daí a pergunta a ser feita é *porque a rapidez é tão requerida na leitura hoje em dia?* Será que é porque hoje em dia vivemos uma constante corrida contra o relógio?

A modificação do mundo é óbvia, se pensarmos sobre a urbanização, o consumismo, o trabalho e a tecnologia, compreenderemos que estas modificações afetaram os sentidos do-sobre o mundo. Fazemos cada vez mais em menos tempo, tornando assim, cada momento de cada dia uma corrida em direção a uma imaginária linha de chegada (uma linha de chegada) que não alcançaremos. Vivemos em constante aceleração, um mundo obcecado com a velocidade, com coisas rápidas. Fazemos mais coisas em menos tempo. Cada momento do dia parece uma corrida contra o tempo. E para melhorarmos as coisas, aceleramos mais. Antes discávamos, agora usamos a discagem rápida. Antes líamos, agora fazemos *leituras dinâmicas*. Antes andávamos, agora andamos rápido, quase corremos. Antes costumávamos namorar, agora ficamos, e assim sucessivamente. Estamos afetados pela ideologia da velocidade e esse afetamento desliza para nossas palavras.

Desse modo, a durabilidade das coisas também diminui com o avanço das “utilidades”, ao mesmo tempo em que o novo vai se tornando essencial. O luxo se torna necessidade. Afinal, “ter um carro hoje em dia não é luxo, é necessidade, caso precisemos sair com pressa de um emprego para outro” “ter um microondas não é luxo, e se acaso precisamos fazer comida com pressa” “ter um celular não é luxo”, é questão de necessidade, pois precisamos “nos comunicar” a qualquer hora e em qualquer lugar.

No entanto, retomando o fio e tentando responder a questão anterior, *porque a rapidez é tão requerida na leitura hoje em dia?* Observamos efeitos de sentidos que apontam para a necessidade de constante inovação tecnológica instaurada pela ideologia da globalização, pois tudo gira em torno do rápido, do que é acelerado. Esta formulação constrói um espaço logicamente estabilizado (PÊCHEUX, 1997) pondo em evidência a rapidez, e conseqüentemente, a rapidez da leitura do texto jornalístico que funcionaria como uma saída estratégica para afetarem os leitores dos jornais. Dessa forma, o discurso jornalístico, pela recorrência à evidência da rapidez, coloca em destaque os benefícios do infográfico inserido no jornal, bem como um imaginário de rapidez/clareza que seriam conseguidos em sua leitura.

Sendo assim, é importante refletir sobre as possíveis mudanças nas práticas de leitura a partir da revolução eletrônica dos últimos tempos, pois de acordo com NUNES (2010, p.2) ²:

Não se lê e nem se escreve mais como se lia e se escrevia em outras épocas. Nesse sentido, é importante dar visibilidade, historicizar mesmo às formas de escrita e leitura na sociedade da informação, já que esse funcionamento mobiliza maneiras outras do sujeito se relacionar com a língua e com a escrita, diferentes formas de produção de sentidos.

Assim, os jornalistas, afetados pela determinação ideológica da velocidade do mundo digital, preocupam-se com a criação de novas tecnologias para os seus jornais, uma delas é o infográfico. A leitura não funciona como antes, ou seja, a naturalidade da pressa vem sendo uma inimiga da sociedade moderna, uma sociedade da era digital. Poucos são aqueles que têm o tempo de sentar no sofá ou na cadeira de balanço como nos tempos antigos e ler um bom um livro, um jornal, uma notícia qualquer, pois sempre se está atrasado e com pressa. A sociedade de hoje é uma sociedade que funciona pela determinação ideológica da rapidez, da velocidade, prefere ver tudo resumido e explicado.

² Artigo: "A formulação em cliques: sujeitos e sentidos no ciberespaço", no prelo.

Observamos que a mídia e as novas tecnologias de linguagem trabalham para que a nossa memória fique sem trabalhar. Pois Orlandi (2005, p.181), diz que:

Resumiria esta questão dizendo que a Tevé trabalha para que a memória não trabalhe. Para que a memória esteja sempre já lá um "conteúdo" bloqueando o percurso dos sentidos, seu movimento, sua historicidade, seus deslocamentos. Para que, quando titubeamos, à beira do sem-sentido, discursos disponíveis com seus "conteúdos" já lá, nos estejam na mão.

O que acontece em relação ao infográfico, de acordo com o discurso jornalístico, que teria o papel principal de ser rápido? Visto que Luís Iria afirma que "o diferencial do infográfico é chamado de *tempo*, pois ele consegue condensar informações integrando texto e imagem fazendo com que a leitura seja *rápida* e *dinâmica*".

Em relação à leitura, ao significar que o infográfico seria imagem visual que tem como objetivo *oferecer uma noção mais rápida e clara* observa-se um silenciamento da escrita, pois quando pensamos em leitura logo pensamos em escrita, e quando pensamos em imagem visual logo pensamos em desenhos, gráficos que para compreendermos precisaríamos de certa forma de um pouco de tempo para fazer a leitura, sendo assim percebemos que o infográfico não oferece rapidez e tampouco clareza.

Voltando a falar que a sociedade de hoje é uma sociedade que funciona pela determinação da rapidez, da velocidade, vimos que o jornal também funciona assim, pois antes na formulação deste material havia mais funcionamento do verbal (escrito), hoje, com as novas tecnologias, os jornais oferecem meios de mostrar a informação através do visual sem levar muito em conta e diminuindo a importância da escrita, pois como vimos os infográficos funcionam como recursos visuais para leitores que prefeririam ver a informação através do visual a ler o conteúdo. Sendo assim são instaurados sentidos de que a tecnologia já está tão avançada que a escrita poderia estar obsoleta, não sendo mais necessária para se ler e compreender informações e, no entanto, a ausência da escrita (que é silenciada por/nesta memória de avanço tecnológico) atualiza uma memória de confrontos a respeito da relação linguagem verbal x tecnologia.

Para Orlandi (1993, p.15):

Justamente no momento em que noções como as de globalização, de novas tecnologias de linguagem, de discurso eletrônico parecem tornar obsoleta a noção de texto é que proponho pensar sobre ela. Isso porque considero que, ao contrário do senso comum, que imagina que agora, enfim, nos libertamos do texto, a noção de texto deve ser objeto de nossa atenção pois é ela que está na base de todos esses desenvolvimentos. E das novas tecnologias da linguagem que são, por sua vez, novas/outras tecnologias da escrita.

Quando se preza pela rapidez obviamente se silencia aquilo ou aquele que é lento, desse modo podemos perguntar e *o que acontece com quem não é rápido?* Será que quem não é rápido para compreender ou visualizar a notícia fica aquém da informação? Dessa forma, fica significado que o infográfico deixa a informação a mercê daquele que não é rápido, assim algo se contradiz, pois se o objetivo do infográfico é oferecer rapidez e clareza nas informações, ele deveria abranger o todo, e não apenas parte deste grupo de leitores, pois seu papel não é dizer tudo e para todos ao mesmo tempo?

Nem tudo que é rápido consegue abranger as necessidades de um “todo”. E, como vimos, o infográfico teria o papel de mostrar com clareza o real do assunto. Sendo assim perguntamos mais uma vez: *é possível ser claro, a linguagem permite?* Obviamente que não, pois não há discursos que não se relacionem com outros, pois os sentidos que podem ser lidos em um texto não estão necessariamente nele, os sentidos de um texto passam pela relação com outros textos, ou seja, precisaríamos antes de tudo do movimento do *interdiscurso*, precisaríamos da relação com a exterioridade, pois estamos ligados ao social, à história. E, segundo Orlandi (2001, p.14) *o sujeito, que interpreta, lê a partir de sua posição sujeito, o leitor crítico lê refletindo sobre sua posição sujeito, sobre condições de produção de sua leitura, por isso ele não interpreta apenas, ele compreende, sem no entanto trabalhar sua determinação através da teoria.*

Desse modo, vemos mais uma vez que os sentidos são múltiplos, pois são determinados pelas condições de existência da época, logo a língua está sujeita a falhas. Assim não há como existir clareza na linguagem, ou melhor, a condição da linguagem não permite que os sentidos sejam claros. Conseqüentemente, o discurso é sempre incompleto, assim como são incompletos os sujeitos e os sentidos.

Passando agora para análise do terceiro recorte, veremos que assim como os recortes anteriores o E3 também é composto por dois enunciados, sendo: *resume um fato jornalístico* (do segundo) e *condensa informações* (do terceiro).

Como já observamos, segundo o discurso jornalístico, o infográfico designa-se como produzindo o efeito de mostrar a notícia como ela é, com detalhes mais relevantes e com forte apelo visual, ou seja, o que parece evidente no imaginário jornalístico é o funcionamento de efeito de literalidade.

De acordo com os enunciados já analisados, observamos que são instaurados alguns efeitos de sentidos para o infográfico, como o facilitador *da compreensão, rápido/claro* e agora também o de conseguir *resumir e condensar as informações*.

Mais uma vez algo nos inquieta. *Porque cada vez mais condensar e resumir as informações (teria a ver com a rapidez?)? O que se ganha com essa condensação? E o que se perde? Que imaginário de sociedade leitora passa por aí?*

São vários os questionamentos. A análise que empreendemos agora está em relação às já realizadas, ou seja, a noção de que a informação se constitua numa transparência de sentidos, de maneira que pareça estar clara. O que ocorre é que o afetamento ideológico da velocidade deriva seus efeitos para *resumir e condensar* informações, pois no jornalismo para se ganhar tempo na leitura não bastaria ler a informação na íntegra, bastaria ver o superficial, ou seja, o resumo.

Diante desse funcionamento no discurso jornalístico quando se diz que o infográfico *resume e condensa* a informação, constitui-se um determinado imaginário de quem vai ler, *qual é esse imaginário? Para ele, quem ira ler quer esse resumo? Que leitor é esse? Está afetado pelo que?* Podemos dizer que há *pois todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras*. (Orlandi: 2001, p.40). O locutor faz a imagem do que o seu interlocutor fará dele, da mesma forma o interlocutor fará a imagem do locutor. O locutor na posição sujeito jornalista pensa, imaginariamente, saber o que o leitor (interlocutor) quer, em relação ao conteúdo informativo *resumido*, ou melhor, esta posição sujeito produz imaginariamente o seu interlocutor. Para Orlandi (1993, p.9),

Há um leitor virtual inscrito no texto. Um leitor que é constituído no próprio ato da escrita. Em termos do que denominamos 'formações imaginárias' em análise de discurso, trata-se aqui do leitor imaginário, aquele que o autor imagina (destina) para seu texto e para quem ele se dirige. Tanto pode ser um seu 'cúmplice' quanto um seu 'adversário'.

A formulação do infográfico com objetivo de *resumir* as informações carrega o imaginário de quem vai ler este conteúdo, ou seja, aquele leitor afetado pela determinação da rapidez, da velocidade, que preferiria ver tudo resumido e explicado. No entanto, como diz Orlandi (1993) o interlocutor estabelece com o locutor uma relação de confiança ou desconfiança, admiração ou desprezo. Pode ser um cúmplice ou um adversário. Há quem se identifique ou não com essa nova forma de conteúdo *resumido/condensado*. Assim, é por causa da determinação ideológica da rapidez que se constitui esse imaginário sobre o leitor de resumos.

Por que se lêem jornais? Porque se quer ler o conteúdo e as informações. Há um processo de busca pelo conteúdo que é um efeito que se produz pela determinação da completude. A sociedade funciona afetada pela completude, pelo excesso. Funciona pela necessidade de um *mundo semanticamente normal*, conforme Pêcheux (1997) nos fala. E o infográfico cumpre esse papel de fornecer os elementos para que esse processo funcione, ele também funciona afetado pela evidência da completude. Porém, a língua se constitui na incompletude, é sujeita ao equívoco, à contradição. *Por isso, dizemos que a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem, o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história.* (Orlandi: 2001, p.37).

O infográfico ao resumir/condensar as informações também funciona afetado pela evidência da completude, pois como já dissemos seu papel seria de dizer “tudo” e para todos ao mesmo tempo. No entanto, *a relação entre as materialidades significantes que compõem o infográfico nos indica que a língua não é transparente, nem o sentido literal e que a ideologia é um ritual com falhas.* (Nunes. 2009, p.5). *A condição da linguagem é a incompletude. Nem os sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente.* (Idem, p.52).

Mesmo sabendo que a sociedade e o infográfico funcionam afetados pela necessidade da completude, e pensando também no ideal de condensação e resumo das informações, perguntamos mais uma vez: *Que imaginário de sociedade leitora passa por aí?* NUNES (2010), alerta que essa *sociedade da informação* é uma sociedade que funciona determinada pela quantidade e não pela qualidade de informações. Pois,

Observando esse funcionamento da sociedade em relação à internet, é possível compreender a constituição de uma posição-sujeito da informação determinada pelo discurso jornalístico, uma posição-sujeito pragmática cuja quantidade de informações seria suficiente para organizar sua vida e resolver seus problemas, uma posição que funciona afetada pela ideologia da informação, enquanto quantidade. Essa posição-sujeito da informação sustenta-se no pré-construído de que quanto mais informação, melhor. (NUNES: 2010, p.11)

Estamos vivendo nessa sociedade, a sociedade da era digital, pois o que se passa aqui é um imaginário de sociedade leitora que funciona pela determinação da rapidez, da velocidade, relacionada assim com as determinações ideológicas da mídia e das novas tecnologias, preferindo ver tudo resumido e explicado. Esta sociedade leitora preza o acesso a muita informação em menos tempo. Pois, imaginariamente, o que vale é a quantidade de informação armazenada e não a qualidade do que está em circulação.

O último enunciado a analisar é o E4: “Infografia é a união entre informação e desenho, com o *objetivo de informar e explicar melhor* um determinado assunto.” Como já falamos sobre o infográfico, atentaremos agora somente em questionar as palavras *melhor* e *informar*.

Como já observamos, segundo o discurso jornalístico o infográfico designa-se como tendo o papel de *informar* e *explicar melhor* um determinado assunto, ou seja, o pré-construído da literalidade. Neste recorte vemos que o imaginário jornalístico é de que a infografia, através da união entre desenho e informação, teria o papel de *informar* e *explicar melhor* um determinado assunto. Mas quando dizemos *melhor* já estaremos definindo que alguma outra coisa é pior? Melhor para quem? Para o ideal de leitura dos leitores ou dos jornalistas? Será que se não existisse o infográfico não haveria entendimento, compreensão? Ou com a ausência do infográfico o entendimento será o pior possível?

Como vimos não há como explicar o que se designa como melhor, pois como sabemos em um determinado texto os sentidos são produzidos de modos diferentes, ou seja, *a língua não é transparente, para lermos um enunciado e compreendermos precisamos antes do interdiscurso, ou seja, cada sujeito tem uma memória discursiva.* (Orlandi: 1993, p.30). Dessa forma os sentidos variam de um para outro mostrando assim que a língua não é transparente e está sujeita a falhas. E que não há como *explicar melhor* um determinado assunto, pois como diz Orlandi (Idem, p.40) *Assim como o aluno não está no grau ZERO, o professor não está no grau DEZ e a relação entre eles pode ser fecunda para ambos.* Parafraseando, podemos dizer que o infográfico também não está no grau DEZ de *explicar melhor* um determinado assunto e nem os leitores estão no grau ZERO de não compreendê-lo.

Como já vimos o enunciado formulado na seqüência das palavras “*informar e explicar melhor*” direciona os sentidos sobre o assunto colocando que somente o “infográfico” poderia nos ajudar a compreender o que estaria “dito no texto”, pois “*explicar melhor*” nos leva a pensar que o infográfico teria um papel de auto-suficiente para nos ajudar compreender o texto, e a finalidade dos infográficos seria a de que se entendam as razões que nos levam a boa e melhor compreensão do texto jornalístico.

Contudo, à medida que analisamos este enunciado, observamos, segundo Orlandi (2001, p.9), que *o corpo do sujeito e o corpo da linguagem não são transparentes.* Não há maneira de *explicar melhor* um assunto, o que pode ser compreendido por mim não poderá ser compreendido por outrem e vice e versa. O sujeito está ligado ao social – a história, ou seja, está ligado a exterioridade, sendo assim *os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridades, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos.* (p.30). Podemos ler um mesmo texto e compreendê-lo de diversas maneiras, pois *os dizeres não são mensagem a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas.* (Orlandi: 1983. p.30)

Desta forma, não existe maneira de *explicar melhor* um determinado assunto, dizer que uma explicação poderia ser *melhor* é atestar a incompletude da língua, buscando sua completude, sua impossível saturação de sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que o discurso jornalístico ao indicar sentidos para o infográfico instaura determinadas concepções de língua, sentido e informação. Isto é visível pelo trajeto de sentidos instaurados nos recortes analisados, constituídos pelas seguintes sequências: FACILITAÇÃO DA COMPREENSÃO para o infográfico, RAPIDEZ e CLAREZA que o infográfico deveria proporcionar em sua leitura, as propriedades atribuídas ao infográfico de RESUMIR e CONDENSAR as informações e necessidade instaurada de explicar MELHOR as informações do infográfico. Este trajeto de sentidos coloca em cena a própria possibilidade de falha da linguagem infográfica que, pelo discurso jornalístico, promete todas estas possibilidades, mas não consegue pô-las em funcionamento pleno.

Em relação à concepção de língua, o que vemos é a língua funcionando como instrumento, conforme salienta Nunes, o *funcionamento de uma língua objetiva e neutra, instaurando um ritual de se significar pela completude e pela lógica, numa estabilização dos sentidos e dos sujeitos*. (2009, p.5). Essa concepção instrumental de língua conforma-se à noção de que as informações seriam transmitidas independentemente das relações sócio-históricas que afetam a vida do sujeito, ou seja, à maneira do objeto saussuriano, perfazendo somente um trajeto sistemático interno, para significar. Noção que se confronta com a qual a Análise de Discurso se sustenta, segundo a qual a língua dispõe somente de uma autonomia relativa em sua forma, cabendo à palavra relativa abranger as condições sócio-históricas do sentido.

Em relação aos sentidos, a concepção que circula, diante de nossas análises, é que o infográfico deveria transmitir o sentido literal da informação, ou seja, como se fosse possível aprisionar os sentidos, seja na imagem, seja nas palavras. Fica aí a impossibilidade da polissemia e a atribuição de sentido único, literal às informações.

Em relação à informação, esta funciona como se fosse um produto, isto é, a informação que se constitui a partir de formações ideológicas e discursivas em tensão no social, seria, no infográfico, um bloco homogêneo que não estaria afetado pelas condições em que foi produzida.

No discurso jornalístico instaura-se a noção de que tanto a língua quanto os sentidos são literais, fazendo com que o real seja significado da mesma maneira para todos. Esse funcionamento imaginariamente ideal que o infográfico teria com uma língua neutra, transparente e completa não se concretiza em relação ao que sustenta o discurso jornalístico, pois o real é contraditório diante das posições sujeitos que estão em jogo. Efeito ideológico elementar, segundo Althusser e Pêcheux, efeito que põe em cena uma relação direta entre a língua o sujeito e o mundo.

O discurso jornalístico põe em cena para o infográfico que bastaria fazer um jogo entre linguagem verbal (texto) e linguagem visual (imagem) para que os sentidos estivessem postos ali como algo pronto e simples. Visíveis. No visível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Curso Abril de Jornalismo. **A infografia: de Luiz Iria**. Disponível em: <http://cursoabril.abril.com.br/servico/noticia/materia_257668.shtml> acesso em: 04/11/2009.

DEAK, André. *In*: Entrevista: Luis Iria. **Jornalismo de Multimídia**. Disponível em: <http://www.andredeak.com.br/2008/04/16/entrevista-luiz-iria/>> Acesso em: 04/11/2009.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Poder no Jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar**. São Paulo, Hacker Editores: Edusp, 2003.

GRAFFO. **O que é infográfico?** Disponível em <<http://www.graffo.inf.br/infografico>>. Acesso em: 16/04/2010.

_____. Disponível em <<http://www.graffo.inf.br/info/>>. Acesso em: 16/04/2010.

NUNES, Silvia Regina. **Relações entre o verbal e o visual no infográfico**. Artigo apresentado no IV SPADIS – Seminário de Pesquisa em Análise de Discurso, UESB, Vitória da Conquista - BA, 2009. No Prelo.

_____. Silvia Regina. **“A formulação em cliques: sujeitos e sentidos no ciberespaço**. Artigo apresentado no I CIELLI e IV CELLI – Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários. UEM, Maringá – PR, 2010. No prelo.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Análise de Discurso: princípio e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Campinas, SP: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, M. **Ler o arquivo hoje**. In ORLANDI, E. (Org.) *Gestos de Leitura*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2003.